

*Severino Ngoenha & Luca Bussotti*

### **A revista científica da UDM no ano mais difícil de Moçambique: breve apresentação**

O ano que fechou há poucos dias foi o mais difícil na história recente de Moçambique. Não precisa, aqui, recordar um processo eleitoral complicado e tudo o que a ele se seguiu. Tudo isto teve um impacto negativo não apenas no mundo político e na sociedade moçambicana, mas também na academia, nomeadamente na capacidade endógena de produção científica.

A UDM tinha reflectido sobre este cenário na última conferência internacional organizada em Junho de 2024: muito participada, corajosa por enfrentar assuntos “quentes”, com mesas redondas plenárias, assim como com painéis mais restritos, mas também largamente concorridos, muito além das expectativas iniciais. O lema tinha sido centrado sobre Paz e Reconciliação, dois elementos que, depois das eleições de 9 de Outubro passado, se tornaram fundamentais para voltar a dar esperança a um país dividido, dilacerado, fragmentado.

Alguns dos trabalhos que, depois do habitual processo de revisão dos pares, foram publicados neste número da revista da UDM, resultam justamente de comunicações apresentadas naquela conferência, ao passo que outros foram enviados para a revista de forma autónoma. O resultado foi encorajador: apesar da crise político-social que assolou Moçambique ao longo de 2024, conseguimos publicar 10 artigos, mais uma entrevista com um colega europeu, o que dá cada vez mais prestígio ao nosso periódico, assim como a Universidade Técnica de Moçambique mais em geral.

A entrevista com o Prof. Federico Battera, docente na Universidade de Trieste de História da África, é o resultado de um convénio entre a UDM e aquela instituição académica italiana. Graças a este acordo, o editor da revista, Prof. Luca Bussotti, passou um mês como Visiting Professor em Trieste, permitindo assim que fosse realizada uma entrevista sobre as democracias em África, cujos conteúdos podem ser lidos como primeira contribuição deste número de 2024 da revista.

Os outros artigos narram de um País, Moçambique, ainda vivo e que tenciona desenvolver estudos cada vez mais apurados sobre as diferentes realidades do País: no primeiro, Odélio Nhiane faz um relato histórico muito bem fundamentado sobre uma missão da igreja católica em Mocodoene (Província de Inhambane), destacando o papel desta missão quer no que diz respeito às práticas educacionais, principalmente no período colonial, quer no que toca às questões de relacionamentos difíceis entre os missionários e a população local antes da independência.

No segundo artigo, Teófilo do Amaral aborda a questão da topofilia como factor de extrativismo vegetal do caniço em Bembe (Província de Inhambane), procurando relacionar perspectiva social com perspectiva bio-ambiental nesta sua pesquisa muito original. Com efeito, segundo relata o autor, a topofilia foi um conceito introduzido pelo cientista sino-americano Yi-Fu Tuan em 1974, designando “o elo afectivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”. Com base neste conceito, Amaral estuda o extrativismo das comunidades de Bembe, que vivem ao pé do rio Nhanombe, principalmente no que diz respeito ao uso que fazem do caniço, garantindo a elas melhores condições de vida, num relacionamento sempre muito crítico com o meio ambiente.

No texto de Malaquias Manhiça, sobre os resíduos sólidos (Lixeira de Hulene) em Maputo, constatou-se que, por um lado, cerca de 40% dos resíduos produzidos na capital do País não chega ao que deveria ser o destino final, passando estes através de processos de incineração, produzindo uma séria poluição atmosférica e, por outro lado, deixando os catadores de lixo que actuam na lixeira de Hulene expostos a situações de grave insalubridade e risco à saúde.

O artigo de Cantífula de Castro verte sobre “A Interseção entre Guerra e Paz na Mídia Moçambicana: Cobertura de Conflitos e Estratégias de Promoção da Paz”. O autor, especialista em ciência da comunicação, analisou, mediante uma abordagem qualitativa, a forma como a imprensa moçambicana aborda os conflitos, desde a guerra de independência até o conflito mais recente em Cabo delgado, concluindo que ela tem um papel relevante quer na construção de narrativas bélicas, quer no momento de construir a paz.

Com o texto de Jorge Jorge Caude o foco da pesquisa se direcciona para Niassa, nomeadamente a cidade de Lichinga. O autor apresenta uma pesquisa de terreno por ele desenvolvida, sobre as condições higiénico-sanitárias da venda de alimentos nos

mercados informais da capital do Niassa. O estudo concluiu que tais condições são muito abaixo do exigido pela lei, ignorando, em larga medida, o que todas as organizações internacionais que lidam com questões de saúde recomendam. Um dos principais aspectos evidenciados pela pesquisa é o número muito elevado de mulheres que praticam esta actividade (70%), assim como o facto de tais actividades serem desenvolvidas, por evidentes razões comerciais, nas proximidades de grandes eixos rodoviários, o que piora ainda mais as condições higiénico-sanitárias dos produtos vendidos.

Com o sexto artigo se entra no tratamento de questões relacionadas com o risco, abordadas particularmente no Doutoramento em Riscos Complexos da Universidade Técnica de Moçambique. O primeiro destes estudos é da autoria de Almeida Chirindza, Dénice Jamo e José Muagura, abordando o tema da análise dos riscos políticos na planificação orçamental do Estado Moçambicano. Segundo os autores, com a retoma do apoio financeiro do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, o risco de desenvolver uma dependência crónica dos recursos externos é muito elevado, chegando a corroer a própria soberania do Estado.

No texto seguinte, Almeida Chirindza apresenta os desafios da criação do Tribunal das contas em Moçambique, sublinhando porém que ele é necessário, para garantir maior transparência das contas públicas nacionais, que já passaram por crises e escândalos que não poderão ser mais repetidos.

O artigo de Emídio Guambe aborda a questão do risco político na óptica da renegociação dos contratos dos mega-projectos, particularmente em investimento no sector de Oil&Gas. Uma questão, esta, objecto do debate mesmo na recente campanha eleitoral, com posições diversificadas entre as várias formações políticas, e que merece toda a atenção por parte dos académicos, pois trata-se de um assunto de enorme interesse público.

A nona contribuição, da autoria de Jovenil Pedro Custelo, César José Jemusse e Tamo Ismail Buanado, diz respeito a um aspecto ainda não muito abordado do terrorismo em Moçambique: o do centro de refugiados de Maratane, e como este centro já deu provas de poder ser transformado, pelo menos parcialmente, numa base logística para alguns terroristas. O estudo questiona que o elo fraco desta situação tem a ver com a escassa clareza e transparência da forma como o Estado concede o estatuto de refugiado, deixando muito espaço para que indivíduos que pretendem se envolver em ações terroristas

consigam penetrar num campo de assistência humanitária, trazendo riscos para as populações locais, e desvirtuando a função daquele local.

Finalmente, o texto de Vidal Come nos remete a uma reflexão sobre a família como espaço de paz e reconciliação, com destaque especial para questões de género e de respeito mútuo entre os cônjuges. Um artigo oportuno, nesta altura em que Moçambique está sendo atravessado por conflitos políticos, que tocam também a harmonia familiar.

Como todos os anos, a expectativa da redação da revista é de ter contribuído ao crescimento do conhecimento das diversificadas realidades moçambicanas, mediante o único instrumento disponível na academia: a ciência e a sua difusão. Um agradecimento especial vai aos autores, aos membros da redação da revista, assim como aos revisores que, com paciência, profissionalismo e gratuitamente, têm garantido que a qualidade dos artigos publicados respondesse àqueles critérios científicos necessários hoje em Moçambique, assim como no resto do mundo.